

O manto que vela a morte: Reflexões sobre a narrativa de Dino Buzzati

Mestranda Izabel Cristina Cordeiro Lima costa¹

Resumo:

Esta comunicação pretende divulgar o resultado de nossas reflexões iniciais sobre a narrativa do escritor italiano Dino Buzzati, a partir dos contos Una goccia¹, Sette piani² e Il mantello³. Procuraremos evidenciar como o autor, através da narrativa fantástica, aborda um tema caro ao homem, inerente à sua condição essencial, a Morte. A Noite, mãe do Sono e do Falecimento é quem acentua a angustiante luta das personagens de Dino Buzzati contra a “Indesejada das gentes”¹. Partindo dessa premissa, este trabalho propõe uma análise do comportamento das personagens nos contos, frente ao passar do tempo que, invariavelmente, a todos devora.

Palavras-chave: Dino Buzzati, Narrativa, Tempo, Morte

Introdução

Jornalista, pintor e escritor italiano, Dino Buzzati (1906-1972) é autor de uma vasta produção poética da qual destacamos os títulos: *Bàrnabo delle montagne*, *Il deserto dei tartari*, *Il segreto del bosco vecchio*, *I sette messaggeri*, *La famosa invasione degli orsi in Sicilia* e *Sessanta racconti*, este uma coletânea de contos que lhe rendeu o Prêmio Strega, em 1958, e do qual selecionamos os títulos que compõem o presente trabalho, um retalho da nossa dissertação de mestrado.

Toda a narrativa de Buzzati se articula em torno do tema do tempo, inexorável, que tudo consome, e nos remete à idéia da morte, “angústia de quem vive”², e à conseqüente sensação do medo. É sobre essa idéia de tempo/morte/medo que trataremos no presente trabalho, a partir da leitura de três contos do autor: *Una goccia*, *Sette piani* e *Il mantello*.

1 Una goccia

*Una goccia d'acqua sale i gradini della scala. La senti? Disteso in letto nel buio, ascolto il suo arcano cammino. Come fa? Saltella? Tic, tic, si ode a intermittenza. Poi la goccia si ferma e magari per tutta la rimanente notte non si fa più viva. Tuttavia sale. Di gradini in gradino viene su, a differenza delle altre gocce che cascano, perpendicolarmente [...]*³ (BUZZATI, 2007, p.165)

¹ BANDEIRA, Manuel. Consoada. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 307.

² MORAES, Vinicius. Soneto da Fidelidade. In: *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 96.

³ Uma gota-d'água sobe os degraus da escada. Está ouvindo? Deitado na cama, no escuro, escuto o seu arcano caminho. Como faz? Salta? Tic, tic, se ouve intermitentemente. Depois, a gota pára e, talvez, por todo resto da noite já não se faça ouvir. No entanto, sobe. De degrau em degrau sobe, diferentemente das demais gotas que caem, perpendicolarmente [...] Tradução da Autora.

Nesse conto de Buzzati temos uma gota-d'água que, ao contrário das demais, desafiando a ordem natural das coisas, sobe degraus. Segundo o narrador, quem primeiro a percebeu foi a empregada, ignorante e esquálida, do primeiro andar e não “*noi, adulti, raffinati, sensibilissimi* [...]”.

Quando a empregada decide pedir auxílio à patroa, é tratada com grosseria, descaso e, ainda, é acusada, injustamente, de estar embriagada por ter bebido do vinho da adega de seu algoz. Mas, como o sol nasce para todos, também a noite a todos impinge o seu nublado silêncio e, ainda que “involuntariamente”, a patroa também passa a ouvir o barulho do subir da gota pelas escadas. Com o transcorrer dos dias, todos os moradores do edifício também já a tinham ouvido subir. Mas ninguém fazia comentários a esse respeito. O temor da exposição, da ridicularização, fazia que as pessoas se fechassem em seus casulos e mostrassem apenas aquilo que era aceitável para a sociedade, ainda que, intimamente, tremessem de medo e insegurança, por causa do som produzido por uma gota “que subia escadas”.

Os moradores do edifício não admitiam publicamente ter ouvido o som produzido pela gota, como também não assumiam para si mesmos esse fato; por mais que identificassem aquele barulhinho peculiar e sentissem curiosidade sobre o fato, faltava-lhes coragem para abrir a porta e se certificarem de que se tratava efetivamente de uma simples gota. Preferiam passar a noite em claro, conjecturando. Se não ouviam aquele som, perguntavam-se onde a gota poderia estar. Que estaria fazendo? Por quê? Quando a ouviam, questionavam-se: o que pretendia fazer? Para onde se dirigiria? Quando pararia?

Ao raiar do dia, todos voltavam à normalidade de suas vidas, como se nada houvesse acontecido, como se a próxima noite não fosse chegar: “De manhã quem acredita nessa história? Ao sol o homem é forte, é um leão, mesmo se pouco antes tremia de medo” (Ib, p. 166-67). Todos trabalhavam, estudavam, planejavam uma vida que poderia durar para sempre, sem admitir que todos, que tudo é finito e que, mais dia menos dia, aquele “tic-tic” da gota-d'água, ou melhor, o “tic-tac” do relógio da vida pararia para eles.

A gota que sobe os degraus de uma escada ao cair da noite é, nesse conto, a alegoria utilizada por Buzzati para marcar a passagem do tempo, falar da angústia que causa ao homem a certeza de que um dia ele morrerá. No calor das atividades diárias, as personagens mantinham-se distantes da idéia de morte, projetando um futuro de vida longa, mas, quando a noite caía trazendo o silêncio, viam-se embalados pelo inquietante *tic, tic* de uma gota que, contrariando a lei da gravidade, teimava em subir os degraus da escada.

Ora, também o relógio contraria as expectativas contando o passar do tempo sem pausas, a todos conduzindo, democraticamente, ao mesmo fim, inevitável: a morte.

O conto “Uma Gota” nos remete a um poema de Cassiano Ricardo, “Relógio”⁴, que nos faz refletir sobre a inexorabilidade do tempo que marca o compasso da vida em direção à Morte:

Diante de coisa tão doída
conservemo-nos serenos.
Cada minuto de vida
nunca é mais, é sempre menos.
Ser é apenas uma face
do não ser, e não do ser.
Desde o instante em que se nasce
já se começa a morrer.

Essa contagem regressiva apontada poeticamente por Cassiano Ricardo pode ser aferida no conto “Sette piani” (Sete andares), que na sequência focalizaremos.

2 Sette piani

Dopo un giorno di viaggio in treno, Giuseppe Corte arrivò, una mattina di marzo, alla città dove c'era la famosa casa di cura. Aveva un po' di febbre, ma volle fare ugualmente a piedi la strada fra la stazione e l'ospedale, portandosi la sua valigetta⁴. (BUZZATI, 2007, p.27)

Nesse conto, que também tematiza a passagem do tempo, temos como principal personagem Giuseppe Corte, um advogado de nome vulgar e sobrenome nobre: Giuseppe é um nome absolutamente comum na Itália, mas Corte... A personagem considerava-se um ser superior; tudo aquilo que lhe dizia respeito era sempre melhor: sua doença era a mais fácil de ser curada, o hospital onde fora se tratar era referência no assunto, os médicos que o assistiam eram os melhores na área. Todos o tratavam com certa reverência, porque ele não era um qualquer e sim Giuseppe Corte.

Ao dar entrada em um determinado hospital, para tratar-se da enfermidade que o acometia, foi devidamente instalado em um quarto especial, confortável, elegantemente mobiliado, com vista para um dos mais belos quarteirões da cidade, e no sétimo andar.

O hospital tinha sete andares nos quais se distribuíam os pacientes, de acordo com a gravidade da doença. A distribuição dos enfermos se realizava da seguinte forma: ao sétimo andar eram encaminhados os que estavam a um passo da cura, ou que ainda se mantinham com a saúde estabilizada, sem registrarem recaídas na saúde; no sexto encontravam-se os pacientes que precisavam de cuidados especiais, embora não estivessem em estado grave; o quinto andar destinava-se aos pacientes com infecções graves, e assim por diante até o primeiro andar do prédio, que abrigava os pacientes em estado terminal, que já não tinham possibilidades de recuperação.

Tal distribuição de pacientes no hospital evitava que um doente menos grave se angustiasse com a presença de um outro em estado mais delicado. Não era de se admirar, portanto, que Giuseppe Corte se sentisse afortunado em relação aos pobres moribundos internados nos andares inferiores, especialmente aos que se encontravam no primeiro andar. Corte nutria um misto de pavor e curiosidade com relação ao andar térreo; se, por um lado, sentia-se aliviado por apresentar a forma mais leve de uma doença, o que o mantinha no sétimo, por outro sempre tentava ver pela janela qualquer movimento lá embaixo, no temido primeiro andar.

Uma sucessão de infortúnios, aparentemente aleatórios, começou a levar Corte, pouco a pouco, em direção ao térreo. Em cada um dos andares inferiores, para onde era transferido, ele provava novas percepções: o quarto em que se instalava, por exemplo, perdia em sofisticação, a vista da janela passava a ser menos ampla. Era como se, paulatinamente, seu mundo estivesse sendo reduzido e, cada vez mais, o tornando uma pessoa qualquer, um homem comum, um “giuseppe” qualquer.

A cada transferência de andar Giuseppe Corte se tornava mais inconformado com os acontecimentos e, invariavelmente, sua doença se agravava (não necessariamente pela doença em si, “que era bem leve”, mas sim pelo aborrecimento causado pelos erros que o conduziam ao primeiro e último andar). A cada descida, ao chegar ao novo andar, ele continuava a se sentir em melhor estado do que os demais pacientes que lá encontrava e essa opinião, aparentemente, era compartilhada por todos, médicos e pacientes. Isso reforçava cada vez mais sua indignação, pois era unânime a conclusão de que ele deveria estar internado no último andar, ou seja, no sétimo.

A idéia de “último” nesse conto é ambígua, pois a ausência de saúde (física, mental etc.) que leva à morte se personifica no térreo que, ironicamente, se aproxima da terra, enterro, materialidade, pecados. Valores que não existem para aqueles que já estão mais próximos de Deus (no sétimo e...

⁴ Após um dia inteiro de viagem em trem, Giuseppe Corte chegou, numa manhã de março, à cidade onde havia o famoso sanatório. Estava com um pouco de febre, mas, mesmo assim, quis fazer a pé o trajeto entre a estação e o hospital, levando a sua valise.

último andar?), ou seja, curados. Em contrapartida, esse mesmo primeiro andar que nos distancia do Divino nos aproxima dele, pois também representa o fim de todas as vicissitudes com a libertação do espírito, *secondo i vostri “meriti”*. Bastava Giuseppe Corte começar a olhar para dentro de si mesmo, ao invés de procurar respostas e justificativas fora de si. A cura esteve o tempo todo dentro dele.

Mas estariam mesmo em vias de cura os que estão no sétimo andar, ou, simplesmente, se comparados aos pacientes do primeiro estariam mais longe da morte, da “Indesejada das gentes”?

Aqui, novamente evocamos Manuel Bandeira que com seu poema Consoada⁵ nos auxiliará a levantar o *mantello* que encontre a “iniludível” no próximo conto a ser examinado:

Consoada
Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

3 II mantello

“ - És mesmo a Morte? Ele insiste. / - Sim, torna o Anjo, a Morte sou,

Mestra que jamais engana, / A tua melhor amiga.”⁶

No conto **II Mantello** (O manto), vem narrado o regresso à casa do jovem Giovanni, depois de ter passado dois anos fora, a lutar na guerra. O jovem se encontrava mortalmente ferido e, aparentemente, lhe fora dado o direito de fazer uma última visita a sua família, em companhia de quem poderia ser chamado por vários nomes: anjo da morte, anjo da guarda, o próprio senhor dos mundos, um companheiro de grupamento ou simplesmente um desconhecido mal-humorado.

Giovanni volta a sua casa em um dia de muito calor, entretanto se cobria com um grande manto. Ao vê-lo, sua mãe fica muito feliz e, emocionada, faz a observação de que o filho, naqueles dois anos, se tornara um homem alto e belo, apesar de mostrar-se um pouco pálido. Ao tentar retirar o manto do filho, por causa do calor que fazia, é quase que bruscamente impedida: “*Lui ebbe un brusco movimento di difesa, istintivo, serrandosi il mantello, per timore forse che glielo strappasse via*”⁵; o rapaz prefere manter-se coberto. O jovem informa à mãe que não poderia se demorar em casa, pois havia alguém a sua espera, fora do portão, um tipo curioso que poderia se irritar com a simples oferta de uma caneca de vinho, coisa que sua mãe queria fazer. Conta-lhe que o encontrara durante a viagem de retorno e que o desconhecido o havia acompanhado na visita à mãe, mas tinha preferido manter-se do lado de fora do portão.

O rapaz não conseguia fitar os olhos da mãe (“*egli pareva anzi evitasse di incontrare i suoi sguardi come se ne temesse qualcosa*”⁶), enquanto ela o levava a rever seu quarto, com móveis novos, e lhe perguntava se havia gostado do ambiente que prepara para recebê-lo; ele parecia não ver a

⁵ BUZZATI, 2007, p. 74. Ele fez um brusco movimento de defesa, instintivo, envolvendo-se no manto, por medo, talvez, de que lhe fosse retirado. Tradução da Autora.

⁶ Ib, p. 75. Ele parecia evitar encontrar o seu olhar, como se temesse algo. Tradução da Autora.

cama nova, forrada com alvíssimo lençol, tampouco notara que as paredes tinham sido pintadas de branco; mostrava-se absorto, preocupado com a iminente e inevitável partida, atento àquele que o aguardava fora, impacientemente.

Giovanni tinha dois irmãos menores, Anna e Pietro; este, curioso como toda criança, querendo saber que roupa Giovanni usava por baixo do manto, puxou-o e, então, revelou-se a ferida de seu irmão que, na seqüência, se despediu da mãe e dos irmãos e saiu como que levado pelo vento:

*“Devo andare, mamma” ripeté lui per la seconda volta, con disperata dermezza.
“L’ho già fatto aspettare abbastanza.*

Ciao Anna, ciao Pietro, addio mamma.”

Era già alla porta. Uscí come portato dal vento. Attraversò l’orto quase di corsa, aprí il cancelletto, due cavalli partirono al galoppo, sotto il cielo grigio, non già verso il paese, no, attraverso le praterie, su verso il nord, in direzione delle montagne. Galoppavano, galoppavano⁷. (BUZZATI, 2007, p. 76)

E sua mãe, finalmente, entendeu o porquê do manto e da tristeza nos olhos do filho; entendeu, sobretudo, quem era o misterioso indivíduo que “andava de um lado para o outro na estrada, esperando, quem fosse aquele sinistro personagem” (Id, Ib) que lhe havia permitido ao filho visitá-la pela última vez, antes de levá-lo para sempre.

Nesse conto, *Il mantello*, Dino Buzzati representa a morte como uma espécie de Valquíria que aguarda, não muito pacientemente, por seu guerreiro abatido.

Conclusão

E se apagam as luzes! Violenta,
a cortina, funérea mortalha,
sobre os trêmulos corpos se espalha,
ao cair, com um rugir de tormenta.
Mas os anjos, que espantos consomem,
já sem véus, a chorar, vêm depor
que esse drama, tão tétrico, é “O Homem”
e que o herói da tragédia de horror
é o Verme Vencedor.⁸

Nossas considerações finais sobre os contos destacados neste trabalho serão inspiradas por Allan Poe em cuja obra tempo/morte/medo vêm refletidos de maneira magistral.

Como nos foi possível observar, é recorrente nos contos **Una goccia**, **Sette piani** e **Il mantello** a presença de personagens angustiadas com o desconhecido. No primeiro conto, uma gota-d’água misteriosa com seu tic-tic perturbador, talvez se tratar de um som semelhante ao tic-tac de um relógio, deixa apavorados os moradores de um bairro. Essa é a alegoria usada por Buzzati para falar da incômoda sensação de impotência que causa ao homem a certeza de que o tempo passa, de que tudo é efêmero e a única coisa que se pode ter por certa na vida é a morte. Tal certeza perturba as personagens à noite, quando a penumbra dificulta a visão, sugere mistério e insegurança, pois o alcance de nossa visão fica limitado; a escuridão tudo camufla. Durante o dia tudo se torna mais fácil e a certeza da morte nem parece existir, pois as personagens agem como se esta, sim, fosse uma ilusão. E, em certa medida, assim o é também na vida real, posto que o homem contemporâneo vive em

⁷ “Tenho de partir, mamãe” repetiu pela segunda vez, com desesperada firmeza. “Já o fiz esperar bastante. Ciao Anna, ciao Pietro, adeus mamãe”. Estava à porta. Saiu como que levado pelo vento. Atravessou o horto quase que correndo, abriu o portão, dois cavalos partiram a galope, sob o céu cinzento, mas não na direção da cidade, não, mas pelo prado, para o Norte, em direção às montanhas. Galopavam, galopavam. Tradução da Autora.

⁸ POE, 1981, p. 71.

função da economia de tempo, para que sobre mais tempo para que possa fazer mais coisas no menor tempo possível, no afã de que quanto maior for a quantidade de feitos maior também será o tempo de vida. Esses personagens buscam na glória das realizações um modo de exorcizar o medo da morte, sem perceber que essas não serão suficientes para aplacar a sensação de impotência frente ao inevitável.

No segundo conto, **Sette piani**, a aflição da personagem está no fato de ele não aceitar a proximidade da morte, já que, em sua percepção, sua doença não era tão grave. O hospital representa, talvez, a brevidade da vida e quanto mais consciente a personagem se torna dessa situação, mais inconformada fica diante do seu inevitável destino. Giuseppe Corte começa a achar que seu distanciamento do mundo dito normal é a causa de sua doença e não percebe que esse pensamento o distancia cada vez mais da tão desejada normalidade. Ele se apoiava na opinião dos médicos e de outros pacientes, que afirmavam que ele estava muito bem de saúde e que realmente deveria estar internado no sétimo andar, reservado aos pacientes com doenças de menor gravidade. Mas, o relógio da vida não pára só porque ele quer ou não aparente velhice ou doença. Essa personagem não pensa em tratar a sua doença, ao contrário, busca todo o tempo comparar o estado de saúde dos outros pacientes e o seu, acreditando sempre estar em melhores condições. Agindo assim, desperdiça o tempo de recuperação e agrava sua condição de saúde, por não se concentrar na recuperação. E, mais uma vez, a morte vem associada ao escuro quando, no quarto derradeiro, as persianas, obedecendo a “um misterioso comando, descem lentamente, impedindo a entrada da luz” (Ib, p. 44). A cortina se fecha. A vida termina.

A mesma reflexão sobre o tempo, a morte e o medo é apresentada ao leitor de Buzzati no conto **Il mantello**, no qual Giovanni é esperado na rua por um impaciente e sombrio personagem a quem se pode dar várias interpretações. Esse estranho companheiro de viagem, que o aguarda, tanto pode ser um anjo enviado por Deus para acompanhá-lo em sua última visita a sua casa, como pode ser a parte mais profunda da alma do personagem, ou o impaciente anjo da morte.

Nesses três contos, e em vários outros, Dino Buzzati representa a incansável tentativa do homem de fugir de seu destino inevitável, da morte, apresentando, na maioria das vezes, personagens soberbos, orgulhosos e prepotentes, que crêem poder ludibriar a “Indesejada das gentes”, esquecendo-se de que não podemos voltar atrás nos minutos já vividos e que a sensação de imortalidade gerada pela juventude é tão fugaz quanto a própria vida.

Ligada à temática do tempo que tudo consome e se nos escapa, da morte, também podemos observar a solidão que, freqüentemente, acompanha as personagens no caminho em direção ao desconhecido. Na espera desse inadiável fim, as personagens buscam meios de burlar essa única certeza “tão doída”, tão “indesejada”.

Esta reflexão sobre o tempo, a morte e o medo é a plataforma sobre a qual estamos construindo nossa dissertação no Programa de Letras Neolatinas da UFRJ, sob a orientação da professora Maria Lizete dos Santos.

Referências Bibliográficas

- [1] ARIÈS, Philippe. O homem diante da morte. 2 v. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- [2] BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- [3] BUZZATI, D. *Sessanta racconti*. Milão: Mondadori, 2007.
- [4] NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

- [5] POE, E. A. *Contos de terror de mistério e de morte*. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- [6] RICARDO, Cassiano. *Poemas escolhidos de Cassiano Ricardo*. São Paulo: Cultrix, 1965.
- [7] RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tomo I-III. São Paulo: Papirus, 1994-97.

¹ **Izabel Cristina Cordeiro Lima COSTA, Mestranda**
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas
Izabelcosta.it@gmail.com

Maria Lizete dos Santos, Profa. Dra.
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
mlizete@ufrj.br